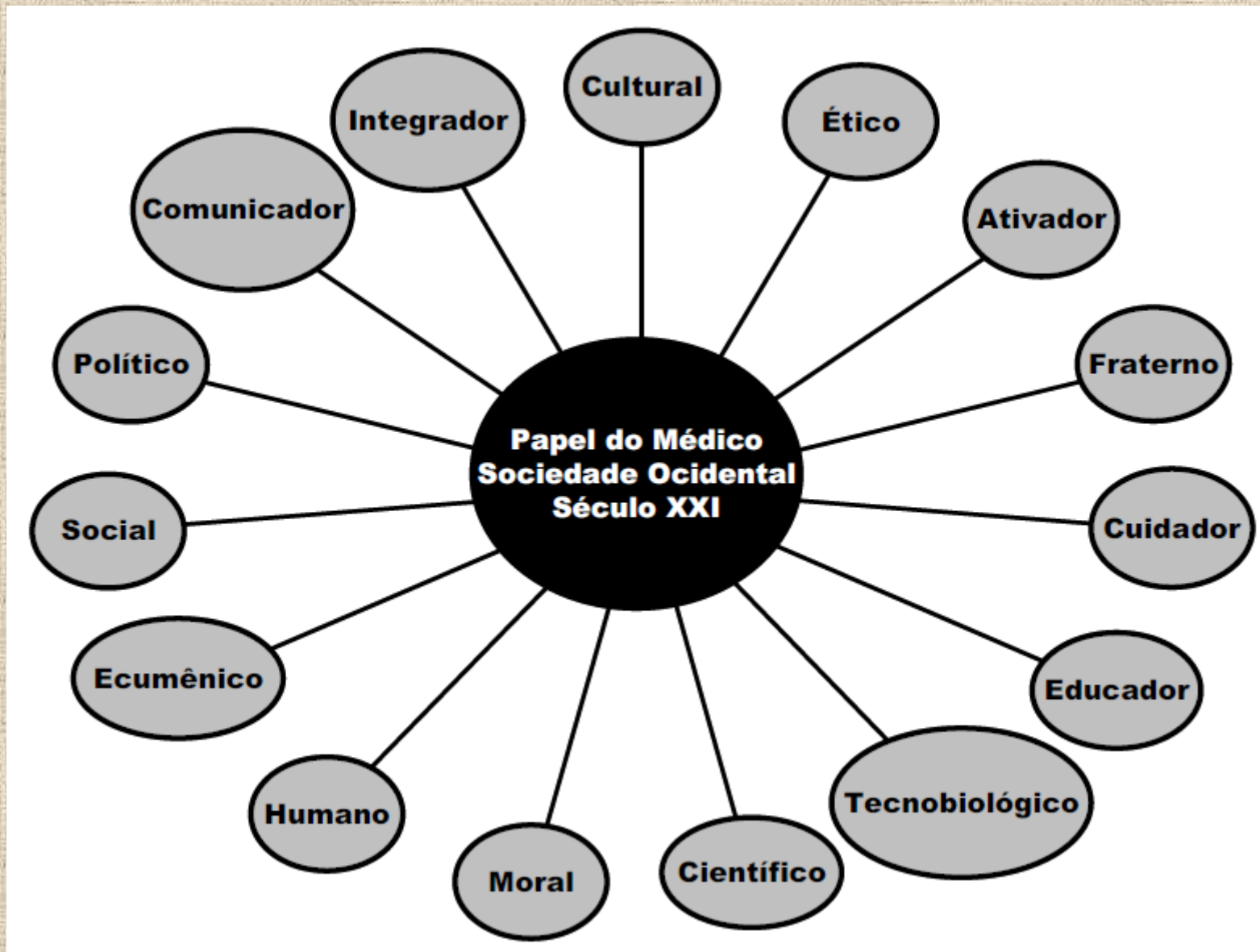


# PAPÉIS DE MÉDICO



- **Tecnobiológico:** este papel se refere ao aspecto intelectual e pragmático da profissão. Técnico, pois a formação e a prática médica dependem de instrução e aprendizado em habilidades e conhecimentos. Biológico, pois envolve a estrutura do corpo humano e seu fisiologismo em condições normais e patológicas. É de extrema importância para a boa práxis. Por definição é constituído por dimensões altamente objetivas, pois a subjetividade depende da interação com outros papéis, a qual deve ser constante e espontânea, ou corre-se o risco de restringir a atuação do médico ao mecanicismo sem reflexão



- **Educador:** a ação educativa, ou a prática educativa, está presente em todas as instâncias de atuação de qualquer médico. A anamnese e o ato terapêutico dependem de boa comunicação, e a adesão do paciente ao tratamento proposto, considerando-se toda conjuntura já relatada, só será real e dinâmica se o ato educativo for efetivo. Suas dimensões vão de simples explanações individuais e coletivas, orientações posológicas, mudanças de hábitos e de estilo de vida, a interações complexas de subjetividades as quais existem em qualquer situação de vida social. O médico deve ser, antes de tudo, um bom educador.

- **Científico:** a medicina é ciência, e o médico como sujeito dessa profissão, e grande área do conhecimento, deve agir como verdadeiro cientista. Atitude inquisitiva, pesquisadora e crítica em face da realidade vislumbrada. Em um mundo em que as informações se multiplicam a velocidade inquietante, e no qual as descobertas, acontecimentos e afirmações pululam todos os dias, é mister discernimento racional e metodológico para embasamento da diagnose e condutas, ou seja, da prática médica.

- **Moral:** esse papel, à primeira vista, pode causar certa estranheza, pois é de natureza subjetiva e de difícil delimitação. Uns chamam de caráter, os valores e princípios de uma pessoa. Mas, é além. Sua essência etérea, e sublime, é estruturante de todos os demais papéis. É o que fomenta o compromisso, o humanismo, o ecumenismo, a consciência social, enfim, é o que cria pontes para interação subjetiva do sujeito médico com o mundo. Entretanto, apesar de muito se discutir acerca da seleção em vestibulares e da formação médica nas universidades, pouco se faz para se interagir com a moral dos médicos, presentes e futuros. As soluções perpassam desde a educação básica à educação permanente dos profissionais. Reflexões éticas são importantes, frutos de exigências sociais e coletivas historicamente adquiridas, no entanto a moral transcende o íntimo de cada singularidade humana. O papel do médico enquanto moral, na sociedade, perpassa-lhe todos os instantes da vida pessoal e profissional. O fiel da balança entre o objetivo, mecânico e técnico, e o subjetivo, humano, é a moral



**Ecumênico:** não se trata de religião. Como Estado laico, não há religião oficial no Brasil. O médico é livre para crer ou não crer. Bons médicos não precisam de rótulos, há liberdade de escolha e mesmo a opção pela não escolha. Espíritas, católicos, evangélicos, agnóstico, ateus... A profissão médica prescinde o credo. Todavia, é mister a reflexão seguinte: Essa opção pessoal do médico pode, e deve, contribuir em sua formação estruturante subjetiva da forma como enxerga, compreende e interage com o mundo, dessa forma há que se refletir constantemente essa intimidade pessoal com a sociedade; Os pacientes são pessoas que também crêem ou não crêem. Respeitar, sem qualquer discriminação, é obrigação ética e moral do médico. Mas, aqui se destaca esse papel, pois, como instrumento de potencialização do enfrentamento de agravos e enfermidades, a religião é tecnologia inegável, a qual proporciona magnânima acolhida e consolo nos momentos de sofrimentos. Isso não pode ser ignorado.

- Portanto, ao bom profissional médico cabe saber respeitar e criar pontes de subjetividade que possibilitem a instrumentalização da fé, seja qual for o credo do paciente, a fim de se multiplicar e sublimar quaisquer dos ensejos de enfrentamento, alívio, consolo e superação das horas difíceis das doenças. Qualquer que seja o contexto, doenças aguda, crônica, grave ou fora de possibilidades terapêuticas. Ecumenismo, com ou sem fé própria, é respeitar e interagir de forma salutar com o credo do próximo



- **Social:** o papel social do médico é tão diverso quanto a própria sociedade. O compromisso social, a visão do coletivo, a preocupação com a natureza e saúde do trabalhador, e a participação e fomento do controle social são apenas alguns exemplos. É grande a preocupação de a medicina social e a científica conversarem, interagirem e gerarem frutos sinérgicos não mais dicotômicos, mas em unidade. O Relatório Flexner muito contribuiu para essa divisão de ruptura já secular. As diretrizes curriculares brasileiras dos cursos de medicina já engajaram iniciativa no sentido dessa salutar interação. O cotidiano médico é essencialmente social, pois lida com pessoas e coletividades, interage e intervém, mesmo que em solitário quarto de hospital, uma vez que há importantes e inegáveis determinantes sociais no processo saúde-doença. Não basta curar a enfermidade, é necessário agir ativamente na sociedade que a gerou, assim como nos demais determinantes relacionados.

- **Político:** as dimensões desse papel não dizem respeito só ao significado eleitoreiro. Todavia, é importante, também, essa participação. O papel político pode ser, então, legislativo ou executivo, neste caso. Entretanto, deve acontecer em todas as instâncias da macropolítica, assim como em qualquer micropolítica de classe, processo ou relação de trabalho e direitos e deveres. Deve instrumentalizar outros papéis como o comunicador, o cultural e o social. Política não é politicagem, é ato de cidadania.

- **Ético:** a ética médica nasceu com a medicina e com Hipócrates. Assim como a moral é fruto complexo da estrutura subjetiva de valores íntimos e pessoais, a ética é resultado da organização das relações sociais em princípios norteadores. O Código de Ética Médica brasileiro, o qual passa por atualização no mês de agosto de 2009, contém as normas éticas que devem ser seguidas pelos médicos no exercício da profissão. Esse é papel fundamental do médico em sociedade e, também, estruturante e significante de todos os demais papéis e suas dimensões.



**Cultural:** O médico interage com a cultura da sociedade na execução de cada um de seus atos cotidianos. É criador e criatura, matéria e produto. Por isso a medicina é tida também como arte. Nesse intercâmbio de ações mútuas, do médico com a cultura social e assim reciprocamente, muito se produz de impressões em um e no outro. Igualmente, cabe ao médico conhecer e respeitar a cultura, costumes e crenças de determinado local ou região, pois além de obrigação moral e ética, pode-lhe ser instrumento importante de compreensão do próximo, seu paciente, para melhor acolhê-lo e, assim, exercer cuidado digno e integral, bem como instrumento de identificação de determinantes de saúde-doença em dado local e momento histórico.

- **Comunicador:** este papel é tão importante quanto todos os demais. É estruturado, principalmente, pelo papel de educador, significado por muitos outros, como o científico, o ecumênico e o social, e significativo de tantos outros como o político, o próprio educador em ação complementar e recíproca, o fraterno, o integrador e o humano. Em verdade, muitas são as possibilidades de inter-relações. O ser comunicador para o médico instrumentaliza a própria prática médica, a qual depende integralmente da interação humana para quaisquer dos atos, da anamnese às orientações que lhe seguirão, por exemplo.

- **Fraterno:** outro papel que pode causar estranheza à primeira vista. Trata-se do comumente relatado pelos vestibulandos e calouros das faculdades de medicina, “ajudar as pessoas”. É princípio universal da prática médica. Pena, por fenômeno pouco compreendido, entretanto bem conhecido na formação médica, essa idéia se olvidar ou perder forças ao longo da graduação. A fraternidade é o amor ao próximo. Esqueça o romântico, considere o fraterno! Corrobora Paulo Freire “Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”, “[...] O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. [...]”, e, por fim, em conclusão, “[...] Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita”.



- **Cuidador:** Dessa forma, cuidar é alicerce de quaisquer das ações de saúde. O cuidado está presente na promoção, na prevenção, na cura e na reabilitação. Fundamenta-lhes a natureza e o sentido. Justifica-lhes a inter-relação. Transcende-lhes o significado. É significativa. É além. Está presente, constrói-se, traduz-se, expressa-se, manifesta-se, edifica-se, revela-se, num aperto de mão, numa escuta ativa e fraterna, num abraço de consolo, numa prescrição correta, num ato cirúrgico preciso, num encaminhamento adequado, num resgate, numa conversa atenta, no incentivo ao autocuidado, num curativo, no lenitivo do sofrimento de qualquer natureza, no momento diagnóstico, na comunicação de fato grave de forma humana e acolhedora, no alívio da dor de qualquer hora, no conforto em momento de perda irreparável, e, mais ainda, no auxílio com o convívio cotidiano de doença sem cura, como qualidade na vida desse ser humano.

- Já é notória a discussão acerca das características de um bom profissional em qualquer área. Ser autenticamente comprometido, comprometido, e escutar ativamente, mais que só ouvir, valorizando as experiências de vida e interpretando o pensar, o agir e o sentir de acordo com as realidades consideradas, são, enfim, exemplos da senda em direção aos primórdios do que é cuidar. Muitos já o fazem instintivamente, pois, inegavelmente, o melhor guia e conselheiro dessa vereda é o coração. Também, é notória a assertiva “O médico trata, a natureza cura”, do original “*Medicus curat, natura sanat*”. *O contexto já exposto da situação atual de saúde das populações exige desdobramento dessa afirmação “A natureza, por vezes, cura, ao profissional de saúde cabe, sempre, o cuidar”, e, assim, conclusão humanística “Não há ação de saúde sem o cuidar. Não há cuidado, em saúde, sem amor”. Esse deve ser, portanto, o papel cuidador do médico.*



- **Ativador:** ser ativador para o médico é proceder sempre de forma reflexiva acerca de suas práticas e saberes, reconhecendo limitações e dificuldades, propor questões e perguntas, assumir postura inquisitiva e crítica, e estar sempre em busca do conhecimento para superar desafios . O papel ativador para o médico, portanto, é essência fundamental, fomentadora e motriz, principalmente, do ser social, político, cultural e ético. Ou seja, é o agir pró-ativo e consciente.



- **Humano:** O médico quando apenas trata, com o gesto, pode até curar, se possível. Se agrega, na relação com seu paciente, o cuidado como transcendência de sua terapêutica, seu tratamento, vai além do gesto, alcança, outrossim, a cura se factível e, entretanto, torna-se potencial baluarte / bálsamo consolador das dores do corpo, mente e alma. Além do gesto tecnocientífico há o elemento humano, vivo, edificador de condutas incompatíveis com protocolos. É energia empática subjetiva a qual permite chegar até a intimidade do próximo e lhe oferecer abrigo seguro, aliviar-lhe no âmago qualquer sofrimento. O papel humano do médico é esse olhar significativo e significativo que permeia os demais papéis e os dignifica. Essa essência basilar da medicina é ricamente demonstrada na história de São Lucas em “Médico de Homens e de Almas” (CALDWELL, 2002). A importância desse elemento e a tentativa de incluí-lo no cotidiano médico e da saúde como um todo é evidente nas diretrizes brasileiras dos cursos de medicina, do Ministério da Educação e Cultura, e na iniciativa HumanizaSus do Ministério da Saúde

- **Integrador:** o papel integrador é o desafio de integrar todos os demais papéis de forma coordenada, racional, subjetiva, humana e significativa, promovendo constante reflexão íntima, previamente e após as ações de saúde, com intento de ser médico integral e integralizante na sociedade moderna atual, do século XXI.

